

## A solidão no poema “Repetition Des Gefühls” de Erich Kästner

Dionei Mathias<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:** Ao lado do viés político, a poesia de Erich Kästner (1899-1974) tem um forte interesse em dinâmicas afetivas, criando parâmetros de percepção lírica especialmente voltados para captar atmosferas que se compunham na realidade da República de Weimar. Assim, muitos poemas se voltam para a interseção entre a solidão e o anseio por laços afetivos. O poema “Repetition des Gefühls” (“Repetição do sentimento”) se insere nessa interseção, configurando uma atmosfera afetiva, cujo cerne é a experiência de solidão. Nessa esteira, este artigo deseja discutir o conceito de solidão e o modo como essa experiência é representada no poema de Erich Kästner.

**Palavras-chave:** Erich Kästner; poesia; “Repetition des Gefühls”; laços afetivos; solidão.

## LONELINESS IN ERICH KÄSTNER’S POEM “REPETITION DES GEFÜHLS”

**Abstract:** Besides its political focus, Erich Kästner’s poetry (1899-1974) has a strong interest in affective dynamics, creating parameters of lyrical perception especially aimed at capturing atmospheres that were composed in the reality of the Weimar Republic. Thus, many poems turn their interest to the intersection between loneliness and the longing for affective bonds. The poem “Repetition des Gefühls” (“Repetition of a feeling”) is inserted in this intersection, configuring an affective atmosphere, whose core is the experience of loneliness. In this context, this article wishes to discuss the concept of loneliness and the way this experience is represented in Erich Kästner’s poem.

**Keywords:** Erich Kästner; poetry; “Repetition des Gefühls”; affective bonds; loneliness.

### Introdução

Nascido em 1899 em Dresden, Erich Kästner testemunhou três momentos marcantes da história alemã: a República de Weimar, o regime nazista e o pós-guerra com a reconstrução do país e sua ascensão econômica, antes de falecer em 1974. Mais conhecido por sua literatura infantil, Kästner também nos lega importantes romances,

---

<sup>1</sup> Professor de língua e literatura na Universidade Federal de Santa Maria. Possui formação em Letras pela Universidade de Hamburgo (Grund- und Hauptstudium, Magister Artium, Doktor phil.) e pela Universidade Federal do Paraná (Doutorado em Letras).

como *Fabian* que retrata os desafios do período democrático pré-guerra, e coletâneas de poemas, das quais muitos textos se tornaram canônicos. Trata-se de uma poesia perpassada de ironia, ceticismo e crítica social (WALTER, 1983, p. 310), instaurando, portanto, uma voz dissonante que resiste ao discurso majoritário, com suas ofertas simples de dicotomização do mundo. Vale lembrar que o escritor de Dresden produz uma parte importante de sua obra num momento histórico de extrema fragilização social e política, na Alemanha da República de Weimar (STEPHAN, 2001, p. 387).

Nessa esteira, sua poesia também trata da solidão, esboçando por meio da voz lírica a impossibilidade de um relacionamento satisfatório, no qual se dê uma confluência de afetos recíprocos. O poema “*Sachliche Romanze*” (“Romance objetivo”) ilustra esse foco e provavelmente é o mais conhecido. Na tentativa de mediar essa sensação por meio de imagens verbais, Kästner se junta a outras importantes vozes de seu tempo como Mascha Kaleko, Alfred Döblin ou Franz Kafka.

O fenômeno afetivo da solidão tem sido foco de um interesse crescente nas últimas décadas, em parte porque suas dimensões concretas estão se tornando mais visíveis, na experiência cotidiana. Nesse sentido, Philip S. Morrison e Rebekah Smith (2018, p. 11) argumentam:

The intense interest in loneliness in the early decades of the 21st century appears to stem from an uncomfortable feeling that its incidence might be increasing – from being a relatively rare condition in the past to being more pervasive and widespread – concentrated among the young and the old, the less educated and those on lower incomes. However, the origins of the current wave of interest in loneliness are probably several: the fragmentation of the family, the growing number living alone, a rising proportion of elderly, much higher levels of female labour force participation and the proliferation of the Internet both at work and at home.

Nesse cenário, não só o interesse por fenômenos sincrônicos da solidão despertam o interesse de reflexão. Este se volta igualmente para suas representações no passado e o modo como atores sociais refletiram sobre seus impactos, em seu momento de concretização existencial. Ao resgatar esses sedimentos, a concepção dessa configuração afetiva se torna mais ampla, permitindo identificar uma espécie de genealogia ou continuação da experiência afetiva, em suas mais diversas formas. A sintetização de imagens no poema contribui para isso, mediando por meio das palavras modos de administrar esse fenômeno existencial.

Numa definição compacta de solidão, Perlman e Peplau (1981, p. 32) escrevem:

“first, loneliness results from deficiencies in the person's social relations; second, loneliness is a subjective phenomenon (it is not necessarily synonymous with objective isolation, so that people can be alone without being lonely); third, loneliness is unpleasant and distressing”. Os críticos identificam, portanto, três aspectos importantes que comportam um desequilíbrio nos anseios por relações sociais, uma avaliação subjetiva negativa por parte do indivíduo e uma sensação de desconforto. Os três elementos formam a base de uma situação afetiva que remonta ao trabalho de narração do si e sua interpretação nas malhas sociais. Isto é, o sujeito busca entender seu lugar no mundo, identificando sequências narrativas que não pode consolidar, por conta dessa ausência.

Esse trabalho de interpretação e de ordenação dos acontecimentos numa narrativa pessoal começa, antes de mais nada, com a definição das dinâmicas de pertencimento. A ausência da sensação de pertencimento gera uma limitação de participação das malhas de sentido que a concretização existencial oferece: “To be involuntarily lonely and not belonging to anyone or anything is to lack participation in the world” (DAHLBERG, 2007, p. 195). A partir da inserção em malhas de pertencimento, a sensação de solidão retrocede, permitindo ao indivíduo equilibrar sua economia pessoal de sentido, o que, por sua vez, produz uma experiência de bem-estar. Desse modo, o oposto de solidão reside na construção subjetiva das mais diversas formas de pertencimento (JONG-GIERVELD; TILBURG; DYKSTRA, 2006, p. 486). A fim de satisfazer essa necessidade, há um empenho constante de garantir a estabilização de relacionamentos que possam oferecer uma configuração de sentidos, onde o respectivo sujeito se sinta acolhido.

No cenário contrário, além da sensação de solidão, o sujeito também se vê confrontado com a estigmatização (MORRISON; SMITH, 2018, p. 12). No processo de socialização, o treinamento se volta para obtenção e consolidação de redes de pertencimento. No momento em que isso não ocorre, o sujeito precisa lidar com a expectativa social de que isso se resolva o mais rapidamente possível. Nas situações em que o pertencimento não se reestabelece, portanto, surge um acréscimo de desconforto afetivo, uma vez que o indivíduo antecipa as expectativas sociais. Para administrar essa situação, há dois vetores: reconfigurar a malha de pertencimento a fim de criar novas tessituras que possam substituir as anteriores ou idear estratégias que possam mascarar a presença de solidão a fim de desviar a atenção da vigilância social.

O desvio da atenção, contudo, não resolve a necessidade de laços afetivos. Na discussão do conceito de solidão é recorrente a constatação de que esse fenômeno está relacionado a um anseio de construir núcleos íntimos e sociais que proporcionem intercâmbios afetivos. Em seu estudo, Morrison e Smith (2018, p. 20) sustentam que:

At the centre of the loneliness question, therefore, is the relationship question: who and how do we relate to others and to what extent do these relationships meet our expectations as individuals about what is necessary for our own well-being. Equally important, and underdeveloped in the loneliness research literature, is whether the prevailing relationships meet the criteria for continued group well-being.

Com isso, há um esforço constante por parte do indivíduo de construir os laços que considera necessários para seu bem-estar, incluindo nisso laços íntimos, mas também de pertencimento de grupo. Para isso, a estabilidade do arraigamento espacial e a possibilidade de recuperação de memórias conjuntas se revelam como duas estratégias importantes para garantir a continuação de laços afetivos que puderam ser urdidos a partir de interações sociais.

Com base nesse horizonte teórico, este artigo deseja discutir o poema “Repetition des Gefühls” (KÄSTNER, 1999, p. 10), traduzido como ‘Repetição do sentimento’, voltando seu foco de atenção para o modo como a solidão se revela e é encenada no poema. Para isso, deseja-se identificar como os interlocutores expressam ou indicam seus anseios e carências e como eles procuram administrar as diferentes expectativas que perpassam sua visão identitária, no momento da negociação afetiva.

## **1. Solidões e palavras**

O poema está composto por cinco quartetos, com rimas alternadas, encenando um encontro, marcado pela “tragédia do cotidiano” (SCHNELL, 2013, p. 95), num espaço metropolitano. O título do poema, “Repetição do sentimento”, utiliza uma palavra de origem latina, concretizando conotações de mecanicidade. Com isso, o título, de certa forma, cria um oxímoro que vai perpassar todo o poema. A exclusão mútua dos termos no título reside na aparente impossibilidade de sentir algo novamente, especialmente nessa modalidade mecanizada, sem a força criadora e generativa que as emoções contêm. Essa mesma exclusão dos termos volta na solidão a dois que conduz o

interesse do poema:

Repetition des Gefühls

Eines Tages war sie wieder da ...  
Und sie fände ihn bedeutend blässer.  
Als er dann zu ihr hinübersah,  
meinte sie, ihr gehe es nicht besser.

Morgen abend wolle sie schon weiter.  
Nach dem Allgäu oder nach Tirol.  
Anfangs war sie unaufhörlich heiter.  
Später sagte sie, ihr sei nicht wohl.

Und er strich ihr müde durch die Haare.  
Endlich fragte er dezent: "Du weinst?"  
und sie dachten an vergangene Jahre.  
Und so wurde es zum Schluß wie einst.

Als sie an dem nächsten Tag erwachten,  
waren sie einander fremd wie nie.  
Und so oft sie sprachen oder lachten,  
logen sie.

Gegen Abend mußte sie dann reisen.  
Und sie winkten. Doch sie winkten nur.  
Denn die Herzen lagen auf den Gleisen,  
über die der Zug ins Allgäu fuhr.  
(1929)

A tradução do poema que segue na sequência é literal, não recriando os elementos formais que constituem sua tessitura:

Repetição do sentimento

Certo dia ela voltou a aparecer ...  
E ela o achava bem mais pálido.  
Quanto ele então olhou para ela,  
Ela disse que não estava melhor.

Amanhã à noite ela queria continuar viagem.  
Para o Allgäu ou o Tirol.  
No começo, estava, sem parar, de bom humor.  
Mais tarde, disse que não estava bem.

E ele passou cansado a mão por seus cabelos.  
Finalmente perguntou, com decência: "Choras?"  
E pensaram em anos que já tinham passado.  
E assim, no fim, voltou a ser o que era então.

Quando no dia seguinte despertaram,  
Se sentiam estranhos como nunca.  
E sempre que falavam ou riam,  
Eles mentiam.

Ao anoitecer ela então precisou viajar.  
E se acenaram. Entretanto, só se acenaram.  
Pois os corações estavam sobre os trilhos,  
Sobre os quais o trem partia para o Allgäu.  
(1929)<sup>2</sup>

A primeira estrofe dá início a uma sequência que tenta capturar as sensações de um reencontro. Este não está inserido numa narrativa romântica de excepcionalidade ou imerso numa aura de encantamento. Pelo contrário, o que o primeiro verso enfatiza é sua contingência, concretizando semas da casualidade e debilitando conotações do campo romântico. Os versos que seguem adumbram uma espécie de conversação, com seus rituais de manutenção de elo interacional, revelando que os interlocutores não têm uma mensagem linguística concreta que desejam comunicar. Trata-se, muito mais, de um movimento de recuperação de um vínculo perdido, por isso o conteúdo comunicacional se encontra no plano afetivo. Nesse horizonte, as palavras de conversação revelam uma solidão que impele o indivíduo a procurar laços, neste caso, de reatá-los, a fim de debelar a sensação de isolamento.

Ao mesmo tempo, contudo, o modo como os interlocutores circunscrevem essa aproximação indica um receio de nomear explicitamente a intenção de neutralizar os indícios de solidão. Nessa perspectiva, o que motiva o uso de palavras e ativa a pragmática de interação reside também no desejo de evitar conotações que remetam a uma imagem de estigma, isto é, da criação de uma hierarquia imagética, em que o indivíduo que dá início ao processo de intercâmbio interacional se veja em desvantagem. A estratégia para debilitar a concretização desse conjunto imagético negativo se utiliza do desvio de foco, forçando o interlocutor a concentrar-se em outros elementos da realidade que está em processo de construção nesse encontro.

Assim, ao chamar a atenção para sua compleição, que nesse caso contém elementos de valoração negativa, o foco de administração de imagem se volta contra o interlocutor. Seu olhar, contudo, neutraliza esse experimento, de modo que ela equilibra a balança imagética, identificando o mesmo atributo em si. A pragmática da interação, contudo, foi exitosa, pois a ameaça de uma imagem negativa ou estigmatizada pela solidão foi neutralizada, criando um ponto de partida equilibrado para a continuação do intercâmbio de informações. Os únicos sedimentos de desconfiança que permanecem se revelam a partir da utilização do discurso indireto por parte da voz lírica, revelando uma

---

<sup>2</sup> A tradução é do autor deste artigo.

possível divergência na interpretação dos eventos.

A segunda estrofe dá continuidade à pragmática de negação da solidão, aqui com a finalidade de conjurar uma imagem de cosmopolitismo desprendido. Isso ocorre, em primeiro lugar, pelo espaço de trânsito em que se encontra o par. A interlocutora indica no primeiro verso que sua permanência está limitada a uma noite, isto é, não vislumbra qualquer forma de assentamento prolongado que possibilite o aprofundamento de uma narrativa conjunta. Esse desprendimento volta a ser corroborado do terceiro verso que revela alguém cujos esforços estão canalizados no sentido de construir uma imagem de alegria e despreocupação. A narrativa que tece em conjunto com a semiótica do corpo procura neutralizar todos os semas que pudessem remeter a alguma ideia de solidão ou de necessidade afetiva.

Os versos dois e quatro, cuja unidade semântica é intensificada pelo enlaçamento da rima, contudo, introduzem semas de dúvida na solidez da versão de realidade que a interlocutora deseja construir. Assim, a incerteza sobre o destino final da viagem pode, num primeiro momento, sublinhar o desprendimento, com o qual procura encenar sua narrativa do si, mas ao mesmo tempo instala ambiguidades, já que a ausência de destino pode estar pautada por um desnorteamento existencial, com sua respectiva fragilização de sentido. Nessa esteira, a indecisão sobre se o destino é a região de Allgäu ou do Tirol se junta ao encontro contingente e ao esforço substancial em simular o bom humor, fragilizando a solidez da narrativa e disseminando semas do campo da solidão. Essa fragilização da versão de realidade se intensifica com o repentino mal-estar, que destoa completamente da imagem que ela procura construir até esse momento. Há uma mudança, não somente em seu estado físico-emocional, mas na imagem que passa a pautar a pragmática de interação.

A terceira estrofe concretiza a virada de modo definitivo, começando pela transição nas estratégias de comunicação que até aquele momento se restringiam, ao menos na superfície explícita, ao emprego do código linguístico, passando agora a inserir o corpo como veículo de sentidos. Assim, no lugar da interação mais impessoal com forte empenho de demarcação de espaço social com suas lógicas de poder, o gesto de carinho inicia uma semiótica que permite a construção de uma narrativa mais pessoal, voltada para a estabilização de semas de intimidade e cumplicidade. A interlocutora aceita o gesto como desencadeador de um nova pragmática interacional, ao conferir-lhe sinais de confiança.

Com base nessa nova constituição afetiva, ela reconhece um espaço em que pode revelar uma outra imagem, esta caracterizada pela fragilização do sentido que suas lágrimas trazem a lume. As lágrimas criam uma dinâmica de ambivalência na lógica semântica do poema, criando uma espécie de ruptura da imagem. Isto é, seu surgimento cria uma contradição em relação ao cosmopolitismo desprendido do primeiro movimento de construção imagética. A partir desse momento, as palavras utilizadas nas estrofes iniciais assumem outra coloração, desencadeando uma revisão da imagem simulada nas interações iniciais. Ela também revela uma outra forma de solidão, a saber, a necessidade de encenar uma imagem que possa atender às expectativas sociais, forçando o indivíduo a manter suas aflições para si.

A reação do interlocutor é moderada e não revela surpresa diante da sequência de acontecimentos com que se vê confrontado. Os atributos utilizados para caracterizar seus movimentos “cansado” e “com decência” revelam resignação. Trata-se de uma gestualidade que estava presente no olhar que dirige a sua interlocutora, na primeira estrofe, e que a faz rever sua estratégia interacional. Nesses três indícios da semiótica corporal, ele se caracteriza como silencioso e comedido em suas ações, sem qualquer afã de querer convencer alguém de suas visões de mundo, mas tampouco sem deixar se impressionar por ofertas narrativas extemporâneas. Pelo contrário, ele parece não só resignado, mas também objetivo no que diz respeito a suas possibilidades de concretização existencial, não investindo, portanto, qualquer esforço no sentido de criar uma imagem que queira destoar daquilo que sente.

O gesto também representa uma virada em outro sentido. Além de passar do código linguístico para a semiótica do corpo, a gestualidade também recupera um horizonte afetivo passado e, com isso, uma sensação de pertencimento perdida. Esse horizonte desponta a partir do terceiro verso dessa estrofe. Nele, o olhar passa da encenação imagética do presente para recuperar imagens compartilhadas do passado. Com esse movimento, também tem início uma tentativa de amenizar a sensação de solidão, com base na memória. Ao recuperarem as experiências passadas, os interlocutores reavivam uma narrativa conjunta de experiências afetivas que formam o núcleo da sensação de pertencimento.

O vislumbre desse passado conjunto, desencadeado pela intimidade gestual, leva à consequência exposta no último verso dessa estrofe. O casal reata um laço que tinha se desfeito em algum momento. Nesse momento, a informação de que “voltou a ser o que



era então” parece sugerir um êxito, no esforço de debelar a sensação de solidão. O “então” ainda permanece semanticamente indefinido, prometendo uma contextualização narrativa, pautada pela satisfação dos anseios afetivos que motivam as ações desses interlocutores. A dúvida, contudo, se instaura a partir do modo como esse conjunto de sentidos é mediado.

O tom utilizado pela voz lírica para veicular essa informação permanece objetivo, num estilo não muito dissimilar de um relatório. Não há nenhum indício de pathos romântico, tampouco qualquer entusiasmo que possa sugerir o término da constelação afetiva marcada pela solidão. Com efeito, não há qualquer encantamento nem na voz lírica que relata, nem no casal que retoma seu desejo de envolvimento. A narrativa de amor, na verdade, se assemelha muito mais a uma concatenação mecanizada de causas e efeitos, sem qualquer investimento de afetos que se estenda com algum grau maior de continuidade.

A intensidade dessa vacuidade afetiva fica evidente somente na quarta estrofe, em que a voz lírica relata suas interações no dia seguinte à sua reaproximação. Ao contrário daquilo que a expectativa inerente ao reatamento das memórias passadas tinha prometido, a sensação de solidão se intensifica, concretizando matizes de sentido que ambos não tinham experimentado daquela forma. No lugar da oferta de pertencimento que a reaproximação tinha como objetivo, a solidão se concretiza afetivamente num grau sem precedente, indicando uma vazia ainda maior que aquele que sentiam ao se encontrarem. Com isso, o despertar do dia seguinte não traz consigo a promessa de futuro, tampouco contém a sensação de satisfação afetiva que motivou a sequência de interações.

Novamente é o corpo e sua semiótica que veiculam as mensagens. O verso três da quarta estrofe indica que a interação mediada pelo código linguístico permanece ativa, mas ele não transmite as informações que os interlocutores, de fato, utilizam para formar a narrativa de sua interpretação de realidade. Por entre as palavras, o que se adensa é uma atmosfera afetiva que atesta a incongruência que ambos experimentam. O sentimento de estranheza, portanto, se intensifica, captando o escopo da solidão, aquém da língua que procura negá-la. Com efeito, a língua de que se utilizam para preencher o espaço vazio que se impõe é mendaz. Essa mendacidade é potencializada pela forma do verso, que, ao contrário de todos outros, se caracteriza pela brevidade ou, para intensificar a imagem na solidão no plano formal, por seu isolamento.

Essa incongruência entre fala e sentido, na última estrofe, também se revela na gestualidade. Na superfície do poema, continua imperando o princípio da objetividade causal, com que a realidade é urdida. Isto é, o transcurso temporal implica a consequência da partida, uma partida que se insere nessa narrativa como necessidade. Esse tom de objetividade, de certa forma, tem por objetivo desacentuar a situação afetiva, com a qual os interlocutores estão confrontados. No lugar de permitir que a afetividade domine o discurso, o tom objetivo deseja despertar a impressão de que está tudo sob controle, isto é, nada que não estivesse previsto na lógica de causa e consequência. Com base nesse horizonte de interpretação de realidade, os interlocutores acenam um ao outro, respeitando os usos sociais e os imperativos racionais do controle, mas “no lugar de amor se instalou a ausência total de relacionamento”, como Hinck (2000, p. 144) identifica em outro poema de Kästner.

A expressão adversativa usada pela voz lírica, no entanto, sugere que os acenos são tão mentiras quanto foram as palavras ditas após a noite compartilhada. Eles desejam sugerir confluência, comunicação, pertencimento, mas somente reforçam a sensação de solidão que permeia todas suas tentativas de construção de um sentido comum. Com isso, eles acenam seguindo as normas sociais, mas todos os outros elementos que configuram a semiótica corporal permanecem em silêncio, não contribuindo para a gênese de um sentido que pudesse sugerir a formação de um laço afetivo. A ausência peremptória desse elo encontra sua figuração nos últimos versos do poema.

Aqui surge o lexema “corações”, provavelmente a metáfora mais usual para a figuração da partilha de sentimentos, mas que destoia em um poema caracterizado pela proeminência de uma tessitura objetiva. Seu uso parece sugerir que, a despeito do imperativo da racionalidade e da objetividade, o anseio por laços afetivos ainda não está completamente fossilizado, permanecendo como necessidade latente. São esses laços, pelos quais os interlocutores ansiavam, que na imagem final são dilacerados pelo princípio da máquina. Até o início do século XX, o trem provavelmente foi o mais importante símbolo do avanço da racionalidade, da mercantilização e da objetividade. O que permanece é um desencantamento cabal que nem mesmo uma viagem para os idílios da região de Allgäu pode reverter. Na esteira desse processo de desencantamento, a solidão se faz mais sensível que nunca.

### **Considerações finais**

Nessa leitura, o título do poema assume dois adensamentos semânticos. Num primeiro momento, a “repetição do sentimento” ocorre pela retomada de uma experiência já vivida. Essa repetição, contudo, não remete a uma configuração de comunhão de sentidos e emoções, mas justamente à sua ausência. A solidão que o casal volta a experimentar, agora de forma ainda mais intensificada, já existira em outro momento. Nesse sentido, a tentativa de reatar também comporta um anseio de processar ou mesmo extirpar uma memória afetiva do passado que permanece como sedimento em seu horizonte pessoal. Esse anseio de finalmente criar um laço afetivo que pudesse neutralizar as dilacerações da solidão, no entanto, é frustrado.

Um segundo adensamento provém do campo semântico de objetividade que caracteriza a malha estilística do poema. A repetição aqui parece remeter a um mundo racionalizado, mecanizado e cabalmente desencantado, em que o anseio por laços afetivos ainda permanece, mas cujas tentativas de concretização são esmagadas pela incapacidade de compreender a semiótica afetivo-corporal. No lugar da comunhão dos corpos e seus afetos, surgem interações mecanizadas, em sintonia com as expectativas sociais e seus códigos de expressão. Nessa mecanização de corpos e afetos, as malhas de sentido que originam a partir dessa modalidade de concretização existencial se encontram completamente alienadas e em dissonância com os anseios individuais. O que permanece, em ambos os casos, é a solidão.

### **Referências**

DAHLBERG, Karin. The enigmatic phenomenon of loneliness. In: *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being*, v. 2, nr. 4, 2007, p. 195–207.

HINCK, Walter. *Stationen der deutschen Lyrik. Von Luther bis in die Gegenwart – 100 Gedichte mit Interpretationen*. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 2000.

de JONG-GIERVELD, J.; van TILBURG, T. G.; DYKSTRA, P. A. Loneliness and Social Isolation. In: PERLMAN, D.; VANGELISTI, A. (eds.). *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 485-500.

KÄSTER, Erich. *Gedichte*. Stuttgart: Reclam, 1999.

MORRISON, Philip S.; SMITH, Rebekah. Loneliness. An overview. In: SAGAN,

Olivia; MILLER, Eric D. (eds.). *Narratives of Loneliness: Multidisciplinary Perspectives from the 21st Century*. New York : Routledge, 2018, p. 11-25.

PERLMAN, Daniel; PEPLAU, Letitia Anne. Towards a social psychology of Loneliness. In: DUCK, R.; GIHOUR, R. (eds). *Personal Relationships in Disorder*. Academic Press: London, 1981, p. 31–56.

SCHNELL, Ralf. *Geschichte der deutschen Lyrik. Band 5: Von der Jahrhundertwende bis zum Ende des Zweiten Weltkriegs*. Stuttgart: Reclam, 2013.

STEPHAN, Inge. Literatur in der Weimarer Republik. In: BEUTIN, Wolfgang et alia (eds.). *Deutsche Literaturgeschichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Stuttgart e Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2001, p. 387-478.

WALTER, Dirk. Lyrik in Stellvertretung? Zu Erich Kästners Rollengedicht Jahrgang 1899. In: HARTUNG, Harald (ed.). *Gedichte und Interpretationen. Vom Naturalismus bis zur Jahrhundertmitte*. Stuttgart: Reclam, 1983, p. 309-319.

WEISS, Robert Stuart. *Loneliness: The Experience of Emotional and Social Isolation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1973.